



O Discurso Da Morte Para Tim Burton No Filme “A Noiva Cadáver”¹

Lívio GALENO²

Tamiris LIMA³

Universidade Federal do Piauí - UFPI

Resumo

“A noiva cadáver” é filme de animação em *stop motion* do ano de 2005 dirigido e produzido por Tim Burton, um americano de 50 anos que sempre trabalhou em seus filmes uma imagem diferenciada sobre a morte. O presente trabalho lança um olhar discursivo sobre o conceito de morte adotado pelo diretor para compor sua obra. A análise se foca no diálogo dos três personagens principais do filme – Victor, Victoria e Emile – com a intenção de perceber como é construindo o discurso sobre a morte.

Palavras-chave

Análise; Discurso; Cinema; Noiva; Morte

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Comunicação Audiovisual, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Teresina, maio de 2009

² Aluno do 8º período de Graduação do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Piauí : liviogaleno@yahoo.com.br

³ Aluna do 5º período de Graduação do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Piauí: tamihlima@yahoo.com.br



Introdução

Um conto russo-judaico inspirou o americano Timothy William Burton a rodar o filme “A Noiva Cadáver”. No título, Victor é um jovem burguês (filho de vendedores de peixe que tentar a qualquer custo entrar para a alta sociedade inglesa) que se ver obrigado a se casar com Victoria (filha de uma tradicional família que se encontra falida) sem mesmo conhecê-la. O primeiro encontro é algo mágico e os jovens se apaixonam a primeira vista. Entretanto, as trapalhadas de Victor o conduzem a uma situação inusitada. Em questão de horas eles, se ver casado com o cadáver de Emile (uma misteriosa mulher que morreu por acreditar em um amor) e que apresenta a Victor uma nova concepção da morte que até então era desconhecida por ele.

A história que dá origem ao filme é datada do século XIX e está ambientada numa fictícia Inglaterra da era vitoriana. Filmado em Londres, possui as vozes de Johnny Depp como “Victor Van Dort”, Helena Bonham Carter como “a Noiva Cadáver” e Emily Watson como “Victoria”.

O filme retrata um cenário romântico, porém obscuro, já reproduzido em outros filmes de Tim Burton como “Edward Mãos de Tesoura” e “O Estranho Mundo de Jack”. Em “A Noiva Cadáver” a “vida” no mundo dos mortos é aparentemente mais colorida que a vida no mundo dos vivos.

Este diretor ganhou fama em Hollywood por trabalhar, de forma romântica e humorada, temas que são tabus na sociedade. Usualmente, as temáticas sombrias envolvendo a morte, monstro e o desconhecido são suas fontes de inspiração. O conteúdo ganha um tom de leveza que conduz o público a compreender a visão sombria, porém serena e otimista, que Tim possui sobre a morte.

Em entrevistas a diversos veículos de comunicação, Burton descreve sua infância como “peculiar, imaginativa e perdida em seus próprios pensamentos”. Não raro ele, fugia da realidade do cotidiano lendo livros sombrios de Edgar Allan Poe e assistindo a filmes de terror. Talvez seja essa a fonte da imaginação e dos conceitos de Tim para a vida e a morte.

E são justamente esses conceitos, especialmente focando na morte tão peculiarmente explorados pelo cineasta, que motivou a realização deste artigo. Como o diretor é quem também produz, redige o roteiro e as falas do filme é deste a missão de construir, discursivamente, sua visão de morte e transmitir para o público.



Metodologia

A análise do filme se deu da seguinte forma: foram escolhidas três cenas onde se percebeu grande importância para a narrativa da história. São elas: “Wedding Feast” – a cena, e seus desdobramentos, em que Victor descobre estar no mundo dos mortos; “Picking Up the Pieces” onde Victor, ainda no mundo dos mortos reencontra o servo de sua família, Mayhew, que acaba de morrer e “Set Free”, cena final que conclui a narrativa. O filme foi assistido com áudio original em inglês e com legendas em português e a análise se deu exclusivamente tomando por base as falas apresentadas literalmente na legenda em língua portuguesa do Brasil.

Para realizar a análise foram tomadas como objeto seqüências discursivas de cada cena onde foram aplicados os conceitos seguintes. Primeiramente cabe-se esclarecer o que se compreende por Análise de Discurso que, segundo GILL (2004), é o estudo do texto, mas precisamente o estudo sobre a maneira como este texto foi construído para se reportar na sociedade e produzir sentido. E este estudo recebe diferentes enfoques, e portanto, há de se considerar a existência de uma multiplicidade de formas de se estudar o texto. São diferentes estilos, mas que estabelecem um critério idêntico.

Outro autor que trata essa temática é PINTO (1999), que traz referência a análise de conteúdo, desenvolvida a partir da década de 30. Segundo o autor, algumas tendências atuais de análise de discursos procuram enfatizar a análise de conteúdo, modificando apenas com conceitos vindos das ciências sociais. Outras duas tradições do autor se refletem nas correntes atuais: a análise do discurso francesa, com Michel Foucault e Michel Pêcheux, em que o discurso é visto como práticas sociais, determinadas e partes constitutivas do contexto; e as abordagens anglo-americanas em que “seu campo preferencial de trabalho é análise dos esquemas gerais de organização e dos processos de tomada de palavra, abertura e fechamento na conversação cotidiana [...]”(PINTO, 1999, p.19).

A construção discursiva se faz seguindo regras, que normalmente não são estabelecidas pelo produtor do enunciado, ou mesmo ele se dá conta dessas regras. A construção depende de certos requisitos presentes na situação de interação comunicativa do discurso. É o que TRAVAGLIA (2005) vai chamar de condições de produção. A exterioridade é uma condição de produções e “é constituída pelo que se costuma chamar de contexto” (op. cit, p.83).



Um discurso pode preterir significados distintos, ou seja, produz efeitos diferentes, cada vez que é dito, mesmo que pelo mesmo enunciador, dependendo do contexto em que está inserido. Entendemos, segundo ORLANDI (apud TRAVAGILA, 2005, p.83), que é preciso reportar ao contexto em que está a situação imediata da ação comunicativa e o contexto sócio-histórico e ideológico, este sendo o contexto da situação em sentido mais amplo. Ao que PINTO (1999) acrescenta: o contexto institucional.

É por esses caminhos que o trabalho foi conduzido. Tomando como pressuposto que o que importa é a interpretação dos textos, não de uma forma de interpretação das estruturas do mesmo, mas da sua formalização enquanto produção social. O importante para a análise de discursos é interpretar o texto, remetendo à forma a aos motivos pelos quais o conteúdo se enquadra neste. São os processos de significação o que mais importa para o analista de discursos.

O conceito de heterogeneidade enunciativa veio com o conceito de polifonia de BAKHTIN (apud AMORIM, 2001, p.107), onde a autora afirma que no discurso participam várias vozes. A essa questão podemos tratar da intertextualidade, como nos reporta diversos autores, dos quais podemos citar ORLANDI (1996), em que um discurso sempre se reporta a outro, nasce de um e aponta para outro.

BAKHTIN (apud AMORIM, 2001, p.107) contribui de forma decisiva através do conceito de dialogismo, que se apresenta sendo as relações de tensão entre vozes presente em um discurso.

Destacamos a heterogeneidade em dois planos que mesmo distintos, irão se completar em diversos momentos. A heterogeneidade mostrada corresponde às vozes marcadas claramente e que está na superfície do discurso, perceptível a partir do contexto da situação imediata. Já a heterogeneidade constitutiva trata de vestígios de outros textos a que nem mesmo o autor empírico, de maneira mesmo perceptível, pode controlar, pois são representados segundo restrições sócio-histórico-culturais. A heterogeneidade constitutiva representa vozes que mesmo não sendo perceptíveis de imediato, são recuperáveis, em meio a dificuldades. A nós, interessou as duas formas de heterogeneidade.

A significação também depende dos sujeitos do discurso e da relação que existe entre eles, pois quando se produz um discurso, há um ato de ação sobre o outro, “mas essa ação não é unilateral, ou seja, o que acontece é uma interação, uma ação entre o produtor e o receptor do texto” (TRAVAGLIA, 2005, p. 69).



Existe, por evidência, o autor-empírico, aquele que o escreve fisicamente; mas ainda, atribui valores que são reconhecidos por outros autores, que por ventura dialogam no discurso. Forma-se uma cadeia de diálogos, em que há uma interseção e igualdades de valores. O “ideológico” entra em análise na produção do discurso e atribui “poder” no reconhecimento do discurso, por um e por outro ator social que está no evento comunicacional.

PINTO (1999) refere-se a três tipos de sujeitos: O sujeito do enunciado (narrador ou emissor), sujeito da enunciação (que se identifica com a imagem que o emissor faz de si e do mundo), e ainda o sujeito falado (correspondente à imagem que os receptores ou co-emissores se reconhecem nos enunciados a eles atribuídos pelo emissor). Estes três sujeitos remetem aos diferentes posicionamentos ou até mesmo discursos.



Análise do Corpus

1. Cena “Wedding Feast”

A chegada de Victor é celebrada. Os mortos promovem uma “festa” com brindes, música e dança para comemorar o seu casamento com Emily e o “recém chegado”. Mesmo estando no mundo dos mortos a alegria é um sentimento que impera na cena. As seguintes falas foram destacadas: “Um brinde então” e “Vou preparar o banquete do seu casamento”.

As frases reforçam a idéia de festa. É visível uma relação dialógica entre idéia de casamento com a idéia de festa. Entretanto, esta relação de alegria é contrastante com a segunda relação dialógica percebida no mesmo trecho do filme: que liga morte à tristeza. Neste trecho podemos perceber a concepção de morte para Tim Burton, onde os mortos celebram e brindam o recém-chegado. Podemos perceber também a presença de vozes sociais, e do conceito de heterogeneidade constitutiva de AUTHIER-REVUZ, no confronto da idéia que a morte é um evento social triste. Esta idéia de luto e tristeza foi instaurada na sociedade ocidental e reproduzida por religiões como a Católica, adotada pela a sociedade retratada no filme.

A seqüência da cena é onde se desvenda os caminhos que levaram Emily, a noiva cadáver, ao mundo dos mortos. A história será contada através de música alegre, ritmada e recebe o apoio de personagem da trama que afirmam “E que história”. O condutor da música classifica o que vai cantar como “Uma trágica história de romance, paixão e assassinato a sangue-frio”. Entretanto, mesmo com a suposição passada para o público de que será um relato triste sobre uma morte, para um personagem de apoio da trama a música será parte da comemoração pelo casamento e pela presença do recém-chegado dizendo “Essa vai ser boa”. Mais uma vez encontramos nesta seqüência discursiva um dialogismo contrastante entre a narração de um assassinato e a felicidade aplicada à forma de contar este fato.

O refrão da música é “Vai, vai chegar sua vez, a morte virá não importa o freguês. Você pode até se esconder e rezar, mas do funeral não irá escapar” e reproduz uma idéia social de que, apesar de triste, a morte é inevitável. Então por que não se acostumar e vê-la da melhor forma possível?



2. Cena “Picking Up The Pieces”

Mayhew era criado da família de Victor e acaba de chegar ao mundo dos mortos. Também é tido como recém-chegado e ao perceberem sua entrada no mundo dos mortos, é recebido com festa. “Bebidas para todos”. É anunciada uma nova festa. Eis outra relação de dialógica onde se percebe a simbologia da bebida como pré-requisito de festa e diversão. Victor, ao reconhecer Mayhew afirma “Que bom ver você”. Entretanto, ele se corrige dizendo “Eu sinto muito”.

Podemos perceber nesta seqüência discursiva a presença de mais uma concepção social que afirma ser a morte, e conseqüentemente o mundo dos mortos, uma situação de respeito, onde não se deve manifestar, pelo menos não publicamente, alegria. Entretanto, Victor se sente aliviado em ver um conhecido no mesmo local em que se encontra. Sua ação é cumprimentá-lo. O clima é de descontração. Todos estão em um bar comemorando. O bar, que é socialmente tido como um local de descontração, é a porta de entrada para o mundo dos mortos. Podemos destacar mais uma relação dialógica de confronto onde o que é convenção da sociedade é utilizado às avessas para compor, e retratar a visão de morte para Tim Burton. Assim, a festa que feita para se comemorar alegrias é utilizada para comemorar uma morte.

Mayhew responde a Victor que “Tudo bem. Na verdade me sinto ótimo”. A fala deste personagem nos passa uma concepção que nos mundos dos mortos não há dor, nem problemas, e sim bem estar, indicação esta trazida pelo personagem através da expressão “na verdade” como forma de desfazer uma impressão ruim que sua condição pudesse trazer. Em vida, Mayhew era fumante, e em suas cenas anteriores aparecia sempre tossindo e com expressões de dor em sua face. Agora, em seu novo estado, se encontra bem disposto.

Na seqüência da cena Victor manifesta o desejo de voltar ao mundo dos vivos e solicita a ajuda de seu antigo criado para voltar. Mayhew informa que Victoria, então noiva de Victor, arranjará outro noivo e se casará. Mayhew conclui sua participação na cena dando o seguinte conselho para Victor: “É hora de recolher os pedaços e seguir em frente, eu acho”.

Percebemos mais um ponto interessante que reflete a visão de Tim. Mesmo estando morto, a morte não deve representar o fim. A fala do personagem é otimista e mostra que mesmo no mundo dos mortos há sempre uma forma de dar continuidade a sua vida. Esta idéia se contrasta com diversos dogmas religiosos e sociais. O primeiro é



que ao morrer, os que merecem, devem se elevar aos céus para dar continuidade a suas vidas. Uma concepção social, e até científica, é de que a vida se acaba por que a matéria se acaba.

3. Cena “Set Free”

A cena é ambientada na igreja onde Victor sacrificaria sua vida para entrega-la a Emily. Entretanto, no momento em que Victor cometeria suicídio Emily ver Victoria e não consegue conceber com a idéia de “roubar” o noivo de outra mulher.

“Você me libertou”. É o que Emily afirma para Victor, concluindo os diálogos do filmes. Esta fala estabelece uma relação dialógica com a frase “descanse em paz”, geralmente para utilizada para consolar familiares e amigos de alguém morto.

A seqüência discursiva do filme é concluída com a cena em que a noiva cadáver se transforma em várias borboletas. Estabelece-se neste momento uma relação dialógica entre a morte e a borboleta, um animal que representa leveza, beleza e liberdade.



Considerações Finais

Tim Burton constrói sua visão de morte sempre com muita leveza, harmonia e alegria. Para ele, a morte não tem a concepção clássica da religião católica, de que apenas a alma dos bons sobreviverá. Tim acredita, e faz circular através de seus filmes, a imagem da morte como uma continuação, em um plano paralelo, mas mesmo assim um recomeço onde os seres poderão, de uso de seu corpo material, ter a chance de corrigir erros e traçar caminhos diferentes dos escolhidos em vida. Para o diretor, a morte pode ser sim alegre e para alguns, como o personagem Emily, pode ser a chance de libertação de dores e tristezas.



Referências Bibliográficas

AMORIM, M. (2001) *O pesquisador e seu outro - Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa, 2001.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline (1990). *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*. Cadernos de Estudos de Lingüística, Campinas, 1990.

FIORIN, José Luiz. (1997) *Elementos de análise do discurso*. 6ª edição. São Paulo: Contexto, 1997. 93 p.

GILL, Rosalind. (2004) *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. Um manual prático*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004. 389 p.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. (1987) *A Linguagem e seu funcionamento*. 2ª edição. São Paulo: Pontes, 1987. 276 p.

PINTO, Milton José. (1999) *Comunicação e Discurso*. São Paulo: Harcker Editores, 1999. 105 p.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (2005) *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 10ª edição. São Paulo: Cortez, 2005. 245 p.